

HALLOWEEN

A mãe de Botelheiro já há alguns dias vinha insistindo com ele para que se não esquecesse que quarta-feira, dia 1 de Novembro, manhã cedo, teriam que ir até ao cemitério de Vila de Muros, cumprindo o ritual anual que, naquela data, sempre faziam junto à campa de Ti Carochinho para deixar umas velas e um braçadinho de crisântemos. Porém, Botelheiro, a quem estas deslocações sempre pareceram desnecessárias, tinha outros planos para o Dia de Finados. Havia combinado com os três amigos do pequeno lugar de Enxidrô pôr em prática algumas das brincadeiras relacionadas com aquela bizarra tradição anglo-saxónica de que lhe falara a professora de inglês: o Halloween. A simpática senhora, de provecta idade, bem se esforçara na última semana por lhes explicar a origem das abóboras iluminadas, das pinturas assustadoras, das vestes de bruxa e de feiticeiro e da expressão “doçuras ou travessuras” que as crianças, neste dia, costumavam pronunciar. A brincadeira consistia em ir de porta em porta pedir guloseimas, e a cujo pedido os residentes habitualmente acediam para se “livrarem” das travessuras dos catraios.

Ora, era esta última tradição que o trazia entusiasmado já há vários dias, antecipando a hora em que, juntamente com o Rolha, o Enguia e o Ferrete, desceria à discreta mas, outrora, majestosa ponte de Covelas para, secreta e irmãmente, repartirem o produto da safra.

Embora já tivesse ouvido dizer que noutras terras se festejava de forma diferente, e tipicamente portuguesa, a véspera do Dia dos Fiéis Defuntos, a tradição britânica, de origem aparentemente obscura, tinha a particularidade de possibilitar a angariação de doces para uma boa temporada e, quem sabe, de algum dinheirito para os matraquilhos da escola. De acordo com o que ouvira dizer, na tradição portuguesa era habitual as crianças saírem à rua em pequenos grupos, na manhã do Dia de Todos os Santos, para pedirem o «Pão de Deus» e, após uma manhã de intensa azáfama, regressarem a casa com os saquitéis de pano cheios de frutos, rebuçados, castanhas, biscoitos e, com um pouco de sorte e generosidade dos vizinhos, algum dinheiro. Ao que parece, nalgumas localidades os padrinhos ofereciam ainda, aos afilhados, um bolo chamado Santoro.

O Ferrete falara-lhes, se bem se recordava, duma outra tradição conhecida pela Festa da Alduína – que tinha ouvido contar a seu avô – e que, segundo alguns autores, seria anterior ao Halloween e estaria, inclusivamente, na sua origem. Esta possibilidade nunca lhe parecera muito curial pois não entendiam como é que um costume lusitano poderia estar na base duma tradição de países tão distantes como a Inglaterra ou os Estados-Unidos.

A Alduína, diz a lenda, era uma bruxa que assustava as populações e, há cerca de quatrocentos anos, era temida por todos os meninos e meninas.

Ora, na opinião dos quatro amigos, aquilo não passava senão de “mariquices” de meninos mimados de cidade. Ela que lhes aparecesse lá por Enxidrô, essa tal de Alduína, que haveria de “ver com quantos paus se faz uma canoa”!

Contudo, acrescenta a lenda, os pais e mães, para sossegarem os petizes, faziam uma festa no dia 1 de Novembro na qual os miúdos podiam ir de porta em porta, vestidos de

Alduína, em busca de bolotas caramelizadas e, batendo às portas, diziam: «Trincó dente!», que é como quem diz: «Ó Ti Carochó, avie-nos aí umas guloseimas, se faz favor!»! Se faz favor, sim, porque esta questão da educação é muito importante, embora actualmente se tenha perdido um pouco o hábito...

Na noite de 30 de Outubro, os quatro amigos reuniram-se, como habitualmente, sob o telheiro da velha escola de Vila de Muros (agora encerrada por encapotada decisão ministerial) em cuja cantina funciona, desde a sua criação, a Associação para o Desenvolvimento do Vale do Bestança – e cujo principal objectivo é proteger um dos rios menos poluídos da Europa de ataques ambientais e, ao mesmo tempo, impedir a instalação naquele límpido afluente do Douro de mini-hídricas que só contribuiriam para a rápida extinção de um rico ecossistema natural. Ali, naquele espaço fascinante e mágico iam, juntos, delinear estratégias para a noite de 31 de Outubro.

Tradicionalmente, o Enguia, que era o que morava mais perto, chegava antes dos amigos e aproveitava esse tempo para fumar um Português Suave «dos azuis» - como gostava de referir, aludindo ao menor teor de nicotina – sem ter que o partilhar com ninguém. Naquela noite, porém, o Ferrete, aproveitando o facto de ter jantado em casa dos avós, na própria aldeia de Vila de Muros, chegou trinta minutos antes da hora marcada e, enquanto aguardava, foi engendrando um plano para assustar os companheiros, enquanto apreciava a magnífica arquitectura da velhinha escola, modelo Adães Bermudez (a origem remonta a 1910), que, segundo tinha ouvido dizer, era única na região e só havia quatro iguais em todo o mundo. Tratava-se, na verdade, de um belo edifício de dois pisos, constituído por um grande salão de aula no rés-do-chão e dois quartos no piso superior para as professoras. A localização, no entanto, não era a melhor pois acabava por ficar encoberta pelo casario envolvente. O local parecia-lhe mágico e o facto de saber que todas as quintas-feiras ali se reuniam ilustres cidadãos do seu concelho, para discutirem assuntos importantes relacionados com a defesa do património natural da região, faziam-no sonhar com o dia em que, também ele, juntamente com os amigos, discutiria formas de proteger a sua terra e as suas gentes. Mas para isso, sabia-o bem, teria que ser um bom aluno. E assim, naquele instante, prometeu a si próprio que iria esforçar-se por ser um aluno exemplar, primeiro na escola E. B. 2,3 e depois na secundária de Cinfães. Quando acabasse o 12º ano logo veria, de acordo com as possibilidades dos seus pais, se poderia tirar um curso superior. Recordava-se sempre do exemplo de Serpa Pinto, o célebre explorador português que, saído de Cinfães, dera a conhecer ao mundo algumas das belezas naturais africanas e almejava vir a ter um dia o seu nome numa das ruas ou, quem sabe, num museu da sua terra.

Absorto nestas cogitações, não deu pelo tempo passar. O bater das dez, contudo, fê-lo despertar e de imediato se pôs a imaginar um plano “maquiavélico”: recordou-se de terem falado, alguns meses antes, numa cálida noite de verão, de feitiços e bruxedos improváveis, perpetrados pelo bruxo de Fazamões, lá para os lados de Resende, de pessoas com comportamentos estranhos e transformações macabras... , que a todos tinha deixado com

“pele de galinha” e os levava a parar, por diversas vezes, no caminho de regresso a Enxidô, para confirmar um ruído, verificar uma sombra ou pura e simplesmente reunir o grupo.

Na verdade, certa altura em que andava com o gado pelas faldas da serra de Montemuro, para lá do Bestança, avistara do lugar da ermida de S. Cristóvão, já noite alta, a cruz de azul fluorescente que assinalava a sua casa e recordava-se que aquela visão provocara-lhe, na altura, um breve arrepio na espinha.

Sentindo os amigos ao longe, resolveu então subir ao telheiro e aguardou serena e pacientemente que todos estivessem reunidos no átrio da escola. Começou então a fazer ruídos imperceptíveis mas, como nenhum deles se apercebesse, tentou aproximar-se do beiral para, num salto inesperado, «acagaçá-los de morte». Porém, a viga que suportava a estrutura, vetusta como a escola, cedeu e o nosso herói estatelou-se em cheio em cima do lombo do Botelheiro que, de cócoras, atacava a sapatilha.

Esmagado pelo peso do amigo e apavorado com o estrondo provocado pela queda, Botelheiro só teve tempo de soltar um palavrão enquanto se interrogava: «O que foi isto, ... ?!»

Os outros dois, que também se tinham assustado com o trambolhão do Enguia, riam agora a bandeiras despregadas, não só da queda mas sobretudo da cara de espanto e do ar ridículo do Botelheiro. Este, contudo, não achara piada nenhuma e, erguendo-se dum pulo, sacudiu a farpela enquanto se recompôs fisicamente. A estúpida brincadeira fizera-lhe perder a vontade de ir com os colegas.

Regressou, pois, a casa e pelo caminho foi pensando que já não tinha idade nem paciência para aquelas criancices... Já era um homem e, achava ele, tinha que começar a afastar-se de amigos tão infantis, sempre com brincadeiras parvas e sem graça e conversas sem importância alguma! E enquanto reflectia sobre a forma como deveria levar a cabo a cisão, sentiu que alguém o seguia na penumbra. Ao passar sob a luz mortiça dos velhos candeeiros de mercúrio, conseguiu distinguir três vultos e, de imediato, se convenceu que se tratava dos ex-amigos que, descontentes com a desfeita, se preparavam para lhe pregar mais uma partida.

Aproveitando o facto de a carrinha de congelados passar por ali naquele instante, como era hábito às segundas-feiras, Botelheiro desatou a correr à sua frente, iluminado pelos faróis, enquanto o condutor, estupefacto, buzinava repetidamente. Não obstante a sua rapidez, a luz dos faróis permitia que os vultos continuassem no seu encalço apesar de a distância entre perseguidores e perseguido estivesse a aumentar significativamente. Numa elevação da estrada, exausto, aproveitou para confirmar se ainda estava a ser seguido. A ausência de qualquer movimento ou som levou-o a concluir que os ex-amigos tinham ficado para trás. Porém, este momento de distração revelou-se fatal: ofuscado pelos faróis da carrinha e ofegante com o esforço despendido, não se apercebeu que, do lado oposto, uma motorizada se dirigia para si a grande velocidade, com o barulho do motor totalmente abafado pelo som da buzina. O Manuel Coveiro, num perfeito estado de embriaguez - consequência da jogatina bem regada, na taberna do Chavelho, enquanto assistia ao jogo da Liga dos Campeões -, encadeado pelos faróis da carrinha, nem tempo teve para travar... só se apercebeu do acidente

quando despertou, deitado numa maca sobre pavimento, com uma coleira cervical, e totalmente rodeado por bombeiros, G. N. R. e populares com rostos de indignação e revolta que ele não conseguia compreender.

Assistido no centro de saúde de Cinfães, mas logo transferido para o Hospital de S. João no Porto, ao Botelheiro foi diagnosticado um traumatismo craniano ligeiro, a fractura do perónio esquerdo, esquimoses múltiplas e perfuração do baço, pelo que teria de ser operado imediatamente para estancar a hemorragia.

A cirurgia foi um êxito e, não obstante as quatro horas passadas no bloco operatório, não houvera complicações e Botelheiro começava a acordar da anestesia. Deitado numa das oito camas duma enfermaria impessoal e fria, pôde verificar que tinha um penso na zona abdominal e a perna esquerda completamente engessada. Apercebeu-se, pelas notícias no pequeno televisor, que passara as últimas quarenta e oito horas no hospital, adormecido, e perdera, portanto, os festejos do Halloween e conseqüentemente a possibilidade de juntar uns trocados para os matraquilhos.

Não conseguia recordar-se senão parcialmente do sucedido: a última ideia clara que mantinha era que se tinha zangado com os amigos e que não queria voltar a vê-los, muito menos agora que tinham estado na origem do acidente. Porém, quando chegou a hora da visita, as primeiras pessoas que viu entrar pela porta branca da enfermaria foram o Rolha, o Enguia e o Ferrete que, de rosto caído e mãos atrás das costas, se dirigiram à sua cama e, sem que pudesse dizer uma palavra, desataram num pranto ao mesmo tempo que lhe depositavam um grande saco à cabeceira: continha todo o produto do dia de Halloween!

Contaram-lhe depois como tudo acontecera: três desordeiros da região que tinham assistido escondidos à discussão entre eles quiseram aproveitar-se do facto de, pela primeira vez, um dos elementos do grupo estar sozinho para lhe roubar o telemóvel e o relógio. Eles, apercebendo-se do estratagema, tinham saído atrás dele para o defender da cobiça dos rufias e, naquela correria louca, tinha acontecido a fatalidade.

Botelheiro nem queria acreditar no que ouvia. Fizera mau juízo dos companheiros quando a sua intenção era apenas ajudá-lo: «Afinal os três vultos não eram os companheiros mas três arruaceiros! Como fora injusto com os colegas!» Quis então contar o que se passara e repartir com os companheiros o dinheiro e as guloseimas, o que só viria a ser conseguido após alguns minutos de discussão e depois de Botelheiro invocar a condição de hospitalizado cujas vontades deveriam ser respeitadas. Ficou decidido que bolachas, biscoitos, gomas, caramelos e rebuçados seriam repartidos por todos e o dinheiro destinar-se-ia à aquisição de um novo relógio para o Botelheiro, uma vez que o seu ficara totalmente destruído no acidente.

O médico de turno, que já há alguns instantes assistia a tudo junto à porta da enfermaria, ficou compungido com aquela amizade e quis contribuir com duas coisas: a primeira e menos importante foi prontificar-se para ser ele a oferecer o relógio ao Botelheiro e a segunda foi contar-lhes a origem do Halloween.

Disse, então: « O Halloween foi criado pelos celtas, que viveram nas ilhas britânicas cinco séculos antes de Cristo, Tratava-se duma festa inventada para marcar o “fim oficial” do verão. Assinalava-se o início do ano novo, o fim das colheitas, o regresso dos rebanhos, etc. A festa tinha vários nomes mas o que vingou foi Halloween, adaptado de All Hallows Eve, que significa véspera do Dia de Todos os Santos que, como sabem, é comemorado a 1 de Novembro. Conta a lenda que as almas dos que morreram ao longo do ano voltavam para tomar os corpos dos vivos no ano que iniciava».

Aqui, o médico fez um parênteses para falar dos rituais da época.

«Um dos rituais eram as fogueiras acesas nas casas durante as comemorações. Os vivos que não queriam ser possuídos apagavam as lareiras para que o local tivesse um ar frio e indesejado e vestiam fantasias de criaturas assustadoras para afugentar os espíritos».

Tudo isto os quatro amigos ouviam atenta e apaixonadamente, deslumbrados com a sabedoria do sr. Doutor e com a profusão de detalhes.

«Um dos símbolos mais conhecidos – continuou – é Jack O’Lantern, personagem celta, representado por uma abóbora com um rosto esculpido e uma vela a iluminar o interior. Segundo a lenda, certo dia 31 de Outubro, um homem alcoólico e violento... – os rapazes entreolharam-se e recordaram, de imediato, o Manuel coveiro – ,chamado Jack, bebeu de mais e o diabo desceu à terra para levar a sua alma. Jack pede para o deixar viver e beber mais um copo. O diabo cede mas Jack não tem dinheiro para pagar e implora para que o diabo se transforme em moeda. Ele concorda e Jack guarda a moeda na carteira em vez de pagar. Só que o fecho tem o formato de uma cruz e é o diabo que acaba preso a suplicar pela liberdade. Jack propõe-lhe, então, um pacto: libertá-lo em troca de mais um ano vivo. O diabo, sem condições para negar, aceita e passado um ano regressa para levar a alma de Jack mas este consegue, uma vez mais, ludibriar o diabo e fazê-lo prometer que o deixará vivo por mais dez anos. Contudo, ao fim de um ano, Jack morre e não é aceite no céu, mas o diabo também não o quer no inferno. Dá-lhe um pedaço de carvão que ele utiliza para iluminar um nabo esculpido em forma de lanterna e que servirá para lhe iluminar o caminho. Daí o nome Jack O’Lantern, uma alma errante no mundo dos vivos».

Os amigos estavam boquiabertos: «Que história fantástica!» - pensaram.

«Outro símbolo muito conhecido é a expressão “Trick or treat”. Já a ouviram, certamente?» - perguntou. Os companheiros anuíram com um movimento de cabeça. «Trata-se duma expressão de origem irlandesa e as pessoas a quem é dirigida devem oferecer um “treat” (doce) para não serem alvo de um “trick” (uma partida). Ora, o que se passou nas últimas foi uma grande partida para todos, não foi?» - perguntou, a terminar. Todos concordaram que sim e admitiram que, no final, tudo acabou em bem.

Aquela data seria por todos recordada não como a do Halloween mas como a do

ALL WIN